



FANESE – Faculdade de Administrações e Negócios de Sergipe

Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE

Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística II

Magna Rodrigues Ribeiro

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo: um estudo teórico-metodológico

Aracaju/SE
19 de outubro de 2017

Magna Rodrigues Ribeiro

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo: um estudo teórico-metodológico

Artigo apresentado como pré-requisito parcial para conclusão da disciplina Metodologia dos Trabalhos Acadêmicos do Curso de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística II da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - FANESE.

Avaliador: Prof. MSc. Eivaldo da Silva Costa

Aracaju/SE
19 de outubro de 2017

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo: um estudo teórico-metodológico

Magna Rodrigues Ribeiro¹

RESUMO

Este artigo teve como intuito um estudo de caráter teórico-metodológico no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo. Este estudo justifica-se pela complexidade que o surdo enfrenta no seu desenvolvimento linguístico-cognitivo com relação a leitura e escrita da Língua Portuguesa, porém estudos recentes comprovam que essas dificuldades acontecem pelo fato de não se levar em consideração no processo de ensino aprendizagem suas especialidades linguísticas. Para tanto, a metodologia adotada se fundamentou nas contribuições teóricas de autores como Antunes (2007), Brochado (2003), Ferreira-Brito (1993), Marinho (1999), Quadros e Schmiedt (2006), Salles et al. (2005) e Ribeiro (2012). Como resultados, foi possível observar que, o surdo não tem um ensino que respeite as especialidades linguístico-culturais e metodológicas para o ensino aprendizagem de Língua Portuguesa na sua modalidade escrita. Conclui-se que para que aconteça um ensino significativo de Língua Portuguesa para alunos surdos é de extrema importância que existam conhecimentos teórico, metodológico e linguístico da Libras em sala de aula. É preciso que ocorram mudanças nas práticas pedagógicas com o intuito de provocar a participação e aprendizagem dos alunos surdos na escola regular de ensino.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Língua Portuguesa. L2. Surdos.

ABSTRACT

This article aimed at a theoretical-methodological study regarding the teaching-learning process of Portuguese Language in the mode written for deaf. This study is justified by the complexity that the deaf faces in their linguistic-cognitive development in relation to the reading and writing of the Portuguese Language, but recent studies prove that these difficulties happen due to the fact that they do not take into account in the learning process their specialties languages. To that end, the methodology adopted was based on the theoretical contributions of authors such as Antunes (2007), Brochado (2003), Ferreira-Brito (1993), Marinho (1999), Quadros and Schmiedt (2006), Salles et al. (2005) and Ribeiro (2012). As results, it was possible to observe that the deaf person does not have an education that respects the linguistic-cultural and methodological specialties for the teaching of Portuguese Language in its written modality. It is concluded that for a meaningful teaching of the Portuguese Language to deaf students, it is extremely important that there be theoretical, methodological and linguistic knowledge of Libras in the classroom. It is necessary that changes occur in pedagogical practices with the purpose of provoking the participation and learning of deaf students in the regular school of education.

Keywords: Teaching. Learning. Portuguese language. L2. Deafs.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês pela Faculdade José Augusto Vieira (FJAV). E-mail: magnarodrigues23@hotmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para surdo tem sido uma temática bastante discutida na atualidade, sobretudo na modalidade escrita, pois os estudos realizados por Brocado (2003) demonstram interferências de marcas do par linguístico Libras/Língua Portuguesa, o que tem dificultado o ensino no processo de aprendizagem da escrita de uma língua de base fonética. Somadas a isso tem-se a ausência de consciência fonológica. Acredita-se que essa dificuldade se dê ao fato que os surdos têm a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como sua língua primária, e a escrita da Língua Portuguesa funciona como língua secundária, pois a Libras é uma língua de modalidade visuo-espacial e possui uma gramática diferente da Língua Portuguesa.

A Libras é a língua oficial da comunidade surda do Brasil, reconhecida pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto n 5.626, de 22 de dezembro de 200. Nesses aportes legais, a Libras é considerada como um sistema linguístico de natureza espaço-visual, e dá providências para a obrigatoriedade nas matrizes curriculares dos cursos de licenciatura e fonoaudiologia das universidades brasileiras.

A Língua Portuguesa é considerada de modalidade oral e natureza auditiva, por utilizar como meio de comunicação, sons articulados de forma a serem percebidos pelos ouvidos, mas não é apenas essa a diferença existente entre a Libras e Língua Portuguesa pois, essas não se diferem somente a utilização de canais de comunicação mas também nas estruturas gramaticais de cada língua. Segundo Antunes (2007):

A língua é uma atividade interativa, que supõe vários componentes além da gramática e está direcionada para a comunicação social ou seja, a língua possui outros elementos diferentes da gramática que permite aos indivíduos formas diversas de interação e comunicação social, no caso da língua brasileira de sinais a Libras, os sinais, os gestos a expressão facial e corporal são formas indispensáveis a comunicação (p. 78).

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para surdos, na modalidade escrita, tem apresentado um *déficit* linguístico-cognitivo de aprendizagem considerável, daí a necessidade do profissional tradutor e intérprete de Libras em sala de aula. Diante dessas observações, tem-se o seguinte

questionamento: *“Qual(is) fator(es) contribui(em) para a existência do déficit linguístico-cognitivo acerca da aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita dos mesmos?”*. Para realização desta pesquisa, serão levadas em conta contribuições teóricas de autores como Antunes (2007), Brochado (2003), Ferreira-Brito (1993), Marinho (1999), Quadros e Schmiedt (2006), Salles et al. (2005) e Ribeiro (2012). Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizou-se apenas pesquisas de bases bibliográficas.

A referida pesquisa justifica-se pela complexidade que o surdo enfrenta no seu desenvolvimento linguístico-cognitivo com relação a leitura e escrita da Língua Portuguesa, porém estudos atuais comprovam que essas dificuldades acontecem pelo fato de não se levar em consideração no processo de ensino aprendizagem suas especificidades linguísticas. Espera-se que este estudo sirva de suporte teórico-metodológico para os profissionais de educação, sendo de grande relevância, por apresentar informações que contribuirão para a formação de novos conhecimentos para professores, proporcionando melhorias no processo de ensino-aprendizagem oferecidos, e em consequência disso, reduzir a exclusão sócio-educacional sofrida pelos surdos.

E tem por objetivo geral realizar um estudo de caráter teórico-metodológico no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo. E como objetivos específicos, investigar estratégias de ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo e identificar na literatura especializada trabalhos acerca do ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdo. Este artigo está estruturado em três seções, conformes descritas a seguir.

1.1 O Ensino de Língua Portuguesa para Surdo

A Língua de Sinais (LS) além de ser uma língua visual, é também a língua natural em que as comunidades surdas têm maior conhecimento e apropriação das informações. Nesse sentido, para Ferreira-Brito (1993), a LS deve ser assegurada na cultura surda como primeira língua, sendo ela responsável pelo seu desenvolvimento e pela sua capacidade de adquirir conhecimentos linguísticos e sociais, assim sendo, a Língua Portuguesa deverá ser ensinada com ênfase na escrita, isto é, considerando que o canal de aprendizagem do surdo é visual.

Considera a LS como língua nativa por se adequarem dentro de uma modalidade de língua espaço-visual que é, naturalmente, de fácil acesso às pessoas que não possuem habilidades auditivas.

Recomendando um ponto de vista realista no que diz respeito a surdez e sua aceitação como diferença linguístico-cultural, e conseqüentemente, aceitando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda sugere o bilinguismo diaglósico como solução para a inclusão sócio-educacional do surdo brasileiro.

O bilinguismo, mesmo que atingindo parcialmente, seria o mais apropriado as necessidades da pessoa surda, cuja potencialidade habita-se a um desenvolvimento pleno da linguagem, contanto que para isso haja 'input' necessário. E os dados linguísticos que lhe servirão de 'input' serão transmitidos principalmente através de um canal gestual-visual, a língua de sinais, já que sua audição está danificada. (FERREIRA-BRITO, 1993, p. 53).

No trecho acima, Ferreira-Brito (1993) explicita que existe uma tendência atual, que considera a utilização de duas línguas, ou seja, o bilinguismo, uso da Língua de Sinais e da Língua Oral, esta última apenas em sua modalidade escrita, ponderando suas particularidades e diferentes circunstâncias essenciais para a integração psico-social e também para a obtenção do êxito educacional do surdo.

A autora (id., 1993) recorda que, apesar de os surdos estarem cercados por Línguas Oraís, elas são aprendidas através de técnicas praticamente iguais as que são usadas no ensino de segunda língua, devido ao bloqueio sensorial mecanorreceptor da cultura surda, os quais apresentam com relação ao *input* linguístico sonoro que as rodeia. Atenta que a Língua Portuguesa é de modalidade oral e de natureza auditiva, já a Libras é o oposto pois esta, por sua vez é de modalidade espacial e natureza visual e assim sendo, reafirma que o português deve ser a segunda língua dos surdos. Coloca ainda que, deve-se enfatizar a leitura e escrita pois o *input* gráfico também é visual e só se consegue atingir verdadeiramente o intelecto da pessoa surda através da visão.

Marinho (1999) conduz uma pesquisa que tem por objetivo pensar nas produções escrita da pessoa surda, aborda sobre como são construídas as relações de sentido e discute aspectos da coesão textual dos mesmos. Conclui sobre a importância da escrita na educação da pessoa surda dentro do contexto escolar,

focando nos aspectos coesivos e nas suas produções escrita, apontando a relação de sentido contida nos enunciados e produção textual.

Para obter tais informações, Marinho (1999) toma como suporte para seus estudos, redações de alunos surdos da escola regular, com nível de escolaridade entre 5 e 8 acompanhados por um interprete de Libras. Baseado nos resultados de suas pesquisas ou estudo foi possível perceber influencias da Libras nas redações e as características bilíngue do surdo, interferindo de modo expressivo nos textos escritos.

1.1.1 A aquisição da língua materna

No processo de aquisição da língua materna, que ocorre no ensino de educação infantil é indispensável o contato das crianças com adultos usuários da mesma língua. Neste caso, os surdos precisam está inserido em um contexto com o qual se faça uso da Língua de Sinais como sendo língua materna, ou seja, estes precisam dialogar ou interagir com adultos surdos, usuários da Língua de Sinais, para assim, passarem a adquirir a língua natural e materna da comunidade surda.

Segundo Salles et al. (2004, p. 46) “é fundamental o contato da criança surda com adultos surdos e outras crianças surdas para que haja um *input* linguístico favorável a aquisição da língua, possibilitado por um ambiente de imersão em língua de sinais”.

Só depois do processo de aquisição é possível que o indivíduo surdo tenha a condição de ser ensinado na sua língua materna. Diante disso, a língua materna - Libras será o caminho para o ensino da segunda língua - a Língua Portuguesa, ou seja, para que se ensine uma segunda língua é indispensável o domínio da primeira. No caso da cultura surda a Libras que é sua língua materna.

1.1.2 A aquisição da segunda língua

O processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na cultura surda é um enorme desafio, e isso se deve ao fato de existir dificuldade de assimilação sensorial por parte dos surdos. De acordo com esse contexto, Perlin (1998, p.56) exemplifica que “os surdos não conseguem dominar os signos dos ouvintes, por exemplo, a epistemologia de uma palavra, sua leitura e sua escrita”. Entretanto,

essa dificuldade não pode ser considerada uma incapacidade das pessoas surdas em aprender a escrita da Língua Portuguesa. Elas são pessoas capazes sim, porém é necessário que se faça um trabalho de reflexão a respeito das especificidades e das diferentes maneiras de aprender que cada um tem. Visto que, ensinar a Língua Portuguesa é conduzir os alunos a fazer uso adequado da língua em diversas situações da vida diária, é preciso entender também que ensinar a mesma língua para pessoas surdas é conduzi-los a fazer uso desta língua no seu dia-a-dia, tornando possível a eles o acesso às informações presentes na língua utilizada pela maioria da população, os ouvintes, proporcionando assim, a inclusão social do sujeito surdo.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006), a aquisição da Língua Portuguesa pelo aluno surdo dependerá da apresentação desta mesma língua a partir da sua funcionalidade relacionada ao acesso às informações e comunicação através da escrita.

O processo de aquisição do português escrito pelo aluno surdo ocorre na maioria das vezes seguindo as mesmas metodologias utilizadas para alunos ouvintes. Porém, esse fato é uma maneira equivocada, pois existe aí uma pequena diferença que deve ser levada em conta, a Língua Portuguesa para o aluno ouvinte é a sua língua materna, já no caso do aluno surdo é a segunda língua. Portanto esses alunos precisam e devem ser ensinados de formas diferentes, a partir de suas particularidades.

Quanto a metodologia de ensino de Língua Portuguesa para alunos pertencentes a cultura surda, Quadros e Schmiedt (2006) sugere o uso de dois recursos, relatos de histórias e a produção de literatura infantil em sinais e diz que “pensando em alfabetização, tal material é fundamental para esse processo se estabelecer, pois aprender a ler os sinais, dará subsídios às crianças para aprender a ler as palavras escritas na língua portuguesa” (p. 25).

É importante ressaltar que, é de extrema importância a escolha dos textos para serem trabalhados em sala de aula pois estes, precisam ter um sentido real para os alunos. É essencial que os textos sejam de acordo com sua faixa etária e também sejam utilizados no seu dia-a-dia.

1.1.3 O ensino de Língua Portuguesa e gêneros textuais

Gêneros textuais são textos que expõem características sócio comunicativas, ou seja, são textos utilizados no dia a dia possibilitando a comunicação verbal. De acordo com Marcuchi (2005, p. 19) “são entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) propõem que o ensino de Língua Portuguesa aconteça de maneira contextualizada, numa visão que privilegie a funcionalidade da língua em detrimento da sua artificialidade (BRASIL, 1998).

Ao realizarem atividades referentes aos gêneros textuais utilizados em seu dia-a-dia, os alunos têm a oportunidade de terem acesso a um trabalho significativo pois, convivem com a necessidade da comunicação por meio da escrita. Nesse sentido, o conhecimento prévio é fundamental para que, a partir dele, situações de aprendizagem possam ser criadas, e conseqüentemente, haja o avanço na escrita dos alunos.

Do ponto de vista da escrita, os PCN's recomendam que sejam contemplados textos como bilhetes (formais e informais), cartas, receitas, rótulos, cartazes, poemas, contos, folhetos, crônicas entre outros (BRASIL,1998). Dessa forma, Os textos a serem selecionados são aqueles que possuem características e usos, que possam proporcionar a reflexão crítica.

2.2 A Escrita da Língua Portuguesa para Surdo

Quando um ouvinte se depara pela primeira vez com um texto escrito por uma pessoa surda, geralmente é motivo de surpresa. Isso se deve ao fato de os ouvintes não adentrarem na realidade dos surdos, por a desconhecerem. O ouvinte julga que o escritor surdo tenha a Língua Portuguesa como língua materna² e única, no entanto, esquecem que a assimilação sensorial dos mesmos é visual e tem acesso limitado ou nenhum acesso a modalidade oral do português.

O surdo mesmo escolarizado, demonstra pouco ou quase nenhum domínio da Língua Portuguesa e isso causa também um problema na cultura dos ouvintes. Mesmo sabendo que o aluno surdo tem a Língua de Sinais a sua disposição e que na escola e no processo de interação eles a utilizam com falantes não-nativos,

² A Libras é considerada língua materna para filhos surdos de pais surdos, no caso de filhos surdos de pais ouvintes é considerada língua natural já que o processo de aquisição de linguagem acontece com seus pares. No caso de acontecer casos de hibridização linguística, ou seja, filhos surdos e um dos pais são surdos, a Libras é considerada língua primária e a Língua Portuguesa secundária.

fazendo uso do português sinalizado, leitura labial (oro-facial-motora), uso de gestos, mesmo assim é difícil para o ouvinte entender que a Língua Portuguesa seja na vida do surdo algo sem muito valor. Isso se deve ao fato de o surdo ter entrado na cultura ouvinte de maneira não muito comum. Muitos aspectos devem ser observados e levados em consideração para que aconteça uma prática eficaz a respeito do ensino de Língua Portuguesa para surdos. Uma questão importante é a posição que ambas línguas ocupam na realidade das pessoas surdas, sendo que a primeira língua deles é a Língua de Sinais e a segunda é a Língua Portuguesa escrita. Diferente dos ouvintes que tem a Língua Portuguesa como língua materna.

Assim sendo, é necessário que o professor tenha consciência destas diferenças e procure estratégias para ensinar a segunda língua para os surdos de maneira contextualizada e significativa.

O aluno surdo não tem a mesma percepção do que produz e do que vê ser produzido pelo seu interlocutor. Assim, ter a oportunidade de explorar a própria produção lendo a si próprio é fundamental para o desenvolvimento cognitivo que sustentará o processo de aquisição da leitura e escrita na língua portuguesa. (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 32).

No entanto, existe uma dificuldade de ser pôr em prática essa proposta, é a questão da não “alfabetização” na Língua de Sinais. Ainda segundo Quadros e Schmiedt, (2006), a realidade da criança surda brasileira é, que a mesma será alfabetizada na Língua Portuguesa sem ter sido “alfabetizada” na Língua de Sinais. Diante dessa afirmação, fica claro a necessidade de se atentar e criar métodos de ensino diferenciados para a cultura surda brasileira.

De acordo com Salles et al (2004), os textos escritos por alunos surdos possuem normalmente enunciados curtos, vocabulário reduzido, ausência de artigos, de preposições, de concordância nominal e verbal, uso reduzido de diferentes tempos verbais, ausência de conectivos (conjunções, pronomes relativos e outros), falta de afixos e verbos de ligação. Isso se deve ao fato de os surdos ter uma língua como legítima, a qual ele faz uso e essa língua não servir de base ao processo de escrita, por ser a escrita visuo-manual, e completamente diferente da oral-auditiva, a qual o surdo está habituado.

A dificuldade enfrentada pelos surdos no processo de aprendizagem da modalidade escrita é também decorrente do fato de as metodologias de ensino apresentarem como ponto de partida a escrita associada ao grafema-fonema e

serem instruídas de maneira descontextualizada e mecânica. Dessa maneira, torna-se difícil criar uma proposta eficaz para o ensino da Língua Portuguesa escrita, deixando o surdo restrito ao pouco que possa se ampliar em relação ao seu grande potencial para a escrita. O processo de ensino-aprendizagem torna-se indispensável pois a sua importância no dia a dia do surdo ao utilizar o português na modalidade escrita.

1.3 O Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdo

Mesmo a Língua de Sinais sendo a primeira língua da cultura surda, e fazendo parte das práticas educacionais como direito linguístico, também é de direito dos mesmos a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, pois o que orienta o homem acerca de suas relações com os conhecimentos adquiridos historicamente é em grande parte o registro escrito. Dessa forma, se o surdo não for conhecedor da Língua Portuguesa escrita, dificulta o seu acesso aos novos conhecimentos. O surdo como cidadão brasileiro, tem o direito de tomar posse da língua majoritária na modalidade escrita, do contrário, dele seria excluído seu direito como cidadão.

A legislação brasileira garante a Libras como língua da comunidade surda e assegura que está, não será substituída pela modalidade escrita da Língua Portuguesa (BRASIL, 2002). A criança surda não tem problemas de cognição que a proíba de se apropriar do português escrito. No entanto, muitos têm dificuldade em se tornarem leitores e escritores do português, mesmo sendo submetidos a sistemas educacionais que aplicam filosofias pensadas para a educação dos surdos.

O ensino de Língua Portuguesa para surdos deve ser desenvolvido da mesma forma que é desenvolvido o ensino de Língua Estrangeira para qualquer pessoa. O surdo não precisa necessariamente aprender a ler e escrever em uma língua que não domina a fala. Nesse sentido, Peixoto (2006) afirma que:

A condição de segunda língua que o português tem na vida do surdo promoveu nesse sujeito um estranhamento semelhante ao que nós ouvintes, temos quando nos deparamos com uma língua estrangeira. Interpretar ou produzir uma escrita estranha à própria língua confronta nossa organização de linguagem e nosso conhecimento gramatical, exigindo uma produção de novas significações que só conseguiremos construir tendo como base a nossa língua materna (p. 209).

Dessa forma, entende-se que para o processo de ensino a aprendizagem de alunos surdos é necessário que exista ambientes onde se possa trocar diálogos em Língua de Sinais, desenvolvendo assim, a construção do conhecimento e garantindo o êxito escolar dos surdos, principalmente na aquisição da leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo teórico e metodológico no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos, foi possível concluir que, a Libras tem grande relevância na construção dos conhecimentos, sobretudo para a aquisição de uma nova língua como no caso do português.

Sobre os fatores que contribuem para a existência do déficit linguístico-cognitivo acerca da aprendizagem de Língua Portuguesa na modalidade escrita dos surdos, tem-se como o principal desconsiderar a Libras como primeira língua, e ensinar o português como língua materna para surdos, mas é indispensável que os surdos aprendam a escrita da língua oral. Entretanto, a aprendizagem só acontecerá efetivamente por meio da Língua de Sinais e das trocas de diálogos entre seus utentes. Desse modo, é necessário que o professor de Língua Portuguesa que atenda a esse público-alvo, possua completo domínio dessas duas línguas, seja bilíngue e faça uso de metodologias adequadas que resulte em uma prática pedagógica que proporcione a cultura surda um espaço dialógico e que contribua para a construção do conhecimento, utilizando-se diferentes estratégias de ensino e de recursos visuais para a elaboração dos conceitos em estudo.

Diante do exposto, os professores devem utilizar-se de recursos visuais e analisar o potencial mas também, o interesse visual de seus alunos. As aulas devem ser bem planejadas, fazendo uso de imagem capazes de facilitar a compreensão conceitual, procurando explicar memórias que possam contribuir para o seu entendimento.

Ainda de acordo com os dados desta pesquisa, ficou explícito a capacidade que os surdos possuem para se apropriar de uma segunda língua e escreverem textos com sentido, sem o auxílio da linguagem oral. O aprendizado de Língua Portuguesa especificamente no que diz respeito a modalidade escrita por surdos, que tem a Língua de Sinais como primeira língua, deve acontecer de maneira bem

elaborada e contextualizada pois, a estrutura cerebral dos surdos não está submissa ao ouvir e falar.

Por isso, para que aconteça um ensino significativo de Língua Portuguesa para alunos surdos é de extrema importância que existam conhecimentos teórico, metodológico e linguístico da Libras em sala de aula. É preciso que ocorram mudanças nas práticas pedagógicas com a finalidade de provocar a participação e aprendizagem dos alunos surdos na escola regular de ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: para um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: parábola, 2007.

BRASIL. **Lei n 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Brasília: 2002.

_____. **Decreto n 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a lei n 10.436, de 24 de abril de 2002. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: 2005.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais – ensino de Língua Portuguesa**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Brasília: 1998.

BROCHADO, S. M. D. **A Apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 2003.

FERREIRA-BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel editora, 1993.

MARINHO, M. P. **A Construção de Sentidos na escrita do sujeito surdo**. Mestrado em Educação na área de psicologia Educacional. UNICAMP, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; Machado, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedes**, Campinas: UNICAMP; Campinas: Papyrus, v. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006.

PERLIN, Gladis T.T. “Identidades Surdas”. IN: SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

RIBEIRO, V. P. **Ensino de língua portuguesa para surdos: percepção de professores sobre adaptação escolar em escolas inclusivas.** Editora Prismas, 2012.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC; SEESP, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Fotos ilustrativas de livros referente ao ensino de Língua Portuguesa para surdos.



Fontes: Salles et al (2005a, b); Quadros e Schimdt (2006); Ribeiro (2012).

Anexo 2 – Imagens ilustrativas de algumas atividades propostas para ensinar português para surdos do livro de Quadros e Schimdt (2006).



Anexo 3 – Imagens ilustrativas de atividade proposta para o ensino do gênero textual receita culinária para surdos do livro de Salles et al. (2005).





DESPEJAR



LEITE



FOGO



MISTURAR



MOÇA
(da lata de leite condensado)



MANTEIGA



SEMPRE



LIGUENT@



CHOCOLATE



MISTURAR



MAIS OU MENOS



UM ^ (ZERO)

